

A guerra russo-ucraniana no contexto eurásiano

The russian-ukrainian conflict in the Eurasian context

DOI: <https://doi.org/10.22456/2178-8839.128040>

Gabriel Pessin Adam

Escola Superior de Propaganda e Marketing e Unisinos, Porto Alegre, Brasil

gabriel.pessin@gmail.com  

Resumo

A guerra entre Rússia e Ucrânia, iniciada em 2022 é um dos eventos de maior impacto das primeiras décadas do século XXI, pois ocorre no coração do continente eurásiano e envolve, direta ou indiretamente, grandes potências do sistema internacional. A presente análise de conjuntura do conflito tem como foco a disputa pela Eurásia e parte da perspectiva russa. A hipótese sustentada é a de que a guerra russo-ucraniana representa uma nova inflexão na política externa russa decorrente do fracasso de sua estratégia voltada para a Eurásia em curso desde 2012. Ao longo do texto é abordada a relevância da Eurásia no sistema internacional, o desenvolvimento da política externa russa, em especial a partir de 2012, a crise ucraniana de 2014 e o conflito referido. Ao final a análise discorre sobre os impactos do conflito para os alinhamentos na Eurásia e para a política externa russa.

Palavras-chave: Rússia; Eurásia; Ucrânia; guerra.

Abstract

The war between Russia and Ukraine, which started in 2022, is one of the major impact events of the first decades of the 21st century, because it takes place in the heart of Eurasian continent and involves, directly or indirectly, great powers of the international system. The present analysis of conjuncture of the conflict focuses on the dispute for Eurasia and part of the Russian perspective. The sustained hypothesis is that the Russian-Ukrainian war represents a new inflection in Russian foreign policy resulting from the failure of its Eurasia-oriented strategy in progress since 2012. Throughout the text, the relevance of Eurasia in the international system, the development of Russian foreign policy, in particular from 2012 onwards, the 2014 Ukrainian crisis and the aforementioned conflict. At the end, the analysis discusses the impacts of the conflict on the alignments in Eurasia and on Russian foreign policy.

Keywords: Russia; Eurasia; Ukraine; war.

Recebido: 23, Outubro, 2022

Aceito: 30, Novembro, 2022

Conflitos de interesse: O autor não reportou potenciais conflitos de interesse



Introdução

A guerra entre Rússia e Ucrânia, iniciada em fevereiro de 2022, pode ser analisada sob prismas muito diversos, como de resto qualquer fenômeno de grande magnitude no sistema internacional. É possível compreender o conflito pelo ponto de vista militar; pelo ângulo da economia política internacional, devido às sanções econômicas impostas à Rússia; pelo foco da geopolítica energética, ou ainda das capacidades nucleares russas atuais. Pode-se partir das relações históricas entre os dois países diretamente envolvidos ou mesmo da concepção de uma nova Guerra Fria. O presente artigo propõe uma leitura sobre a guerra entre Rússia e Ucrânia a partir de uma ampliação do foco para o contexto da Eurásia. Mesmo que esta seja uma análise de conjuntura, ela possui uma hipótese de trabalho, qual seja, a de que o conflito russo-ucraniano representa uma nova inflexão na política externa russa decorrente do fracasso de sua estratégia voltada para a Eurásia em curso desde 2012. Como se constata, a perspectiva será a da política externa russa. A metodologia é qualitativa e balizada em revisão bibliográfica e análise de documentos.

Desde logo, vale destacar que aqui não se vislumbrará a Rússia como um Estado pária e violento num contexto de potências ocidentais respeitadoras do Direito Internacional, avessas a intervenções armadas e que invariavelmente buscam por vias pacíficas e diplomáticas os anseios de toda a comunidade internacional. Primeiramente porque com razoável frequência as grandes potências realizam incursões militares na busca de seus interesses estratégicos e/ou econômicos contra Estados mais débeis em termos de poder. Em segundo lugar, porque tal compreensão, no mais das vezes, resta essencialmente ocidental.

Assim sendo, após sua introdução, o artigo possui quatro outras seções. A próxima abordará o que se compreende por continente eurasiático e sua relevância. Depois, será apresentada a visão russa de política externa e como a Eurásia está nela inserida. A quarta seção trará a análise da guerra da Ucrânia sob o prisma proposto e, por fim, serão realizadas considerações finais.

A Eurásia

O entendimento sobre as conformações geográficas internas da Eurásia, concepção continental que abarca Ásia e Europa, não é unânime. Zbigniew Brzezinski (1997) divide a Eurásia em quatro regiões: Oeste, Espaço Central, Sul e Leste. Contudo, o autor não explicita as fronteiras de cada região. Por sua vez, Evgeny Vinokurov e Alexander Libman (2012) igualmente subdividem a Eurásia em macrorregiões, delimitando países e regiões pertencentes a cada uma. São elas: Europa (União Europeia); Eurásia Norte e Central (países que pertenceram à União Soviética, excluindo os membros da União Europeia), Leste Asiático (China, Coreias, Japão, Mongólia e países da ASEAN); Oeste Asiático (Oriente Médio incluindo Sinai) e Sul da Ásia. Pela sua maior precisão, será adotada a divisão da Eurásia de Vinokurov e Libman.

De acordo com Brzezinski (1997, p. 31), “a Eurásia é o maior continente do globo e é geopoliticamente axial. Uma potência que domine a Eurásia controlará duas das três mais avançadas e produtivas economicamente regiões do mundo.” A importância da Eurásia pode ser medida em dados. Além de possuir dos três grandes centros industriais do mundo (Leste Asiático e Europa Ocidental), sua população corresponde a 60% do total mundial (UNITED NATIONS, 2022). Em termos de energia, os países da Eurásia consumiram em 2021 71,8% do total de energia primária consumida no mundo, 65,2% do petróleo e 66,3% do gás natural (BP, 2022). No tocante à produção de energia, 58,7% do petróleo e 65,2% do gás natural produzidos mundialmente em 2021 foram produzidos no continente eurasiático, sendo que a Rússia corresponde a 12,2% e a 17,4% desses totais, respectivamente (BP, 2022). Quanto aos gastos militares, os países eurasiáticos foram responsáveis por 55% do total mundial em 2021, sendo que entre os dez principais Estados neste quesito, fora o líder do ranking, Estados Unidos, todos os demais pertencem à Eurásia (SIPRI, 2021).

A visão sustentada por vários autores (KARAGANOV, 2022; STUENKEL, 2018; AMINEH; HOUWELLING, 2010) de que o sistema internacional é crescentemente multipolar e o seu centro nevrálgico está se deslocando da região Euro-Atlântica para a Ásia-Pacífico detém implicações evidentes na disputa pela Eurásia e na guerra abordada. Isto porque as

principais potências envolvidas direta ou indiretamente em tal conflito são impactadas por aquilo que Stuenkel (2018) denominou de ascensão do resto. Nos últimos vinte anos, a Federação Russa tem adotado cada vez mais explicitamente este cenário de transformação sistêmica como fundamento de sua política externa.

A Política Externa Russa até a Crise Ucraniana de 2014

Desde que Vladimir Putin assumiu a Presidência da Federação Russa pela primeira vez, no ano 2000, o objetivo principal da Rússia é voltar a ser uma grande potência no sistema internacional.¹ A fim de alcançar esta meta, desde então Moscou desenvolveu uma política externa cujas características mais marcantes são: a defesa da multipolaridade no sistema internacional; o pragmatismo; a geoeconomia (utilização de recursos energéticos como instrumento de projeção política) e o eurásianismo.

No tocante à última característica citada, neste período ela possui conotação geopolítica. A posição geográfica da Rússia como o maior país eurásiano é considerada um elemento distintivo do país; sua localização predeterminaria uma política externa balanceada, o que pressuporia uma “combinação ótima de esforços direcionados a todos os vetores” (RUSSIAN FEDERATION, 2000). Se por um lado, a conformação geográfica da Rússia permite que ela historicamente atue nas dinâmicas europeia e asiática de poder, por outro, “sua paisagem é uma vasta expansão que não conhece limites físicos externos e é coberta por rios. Ela é igualmente vulnerável a ameaças externas e conveniente para a colonização contínua quando a oportunidade se apresenta (BORDACHEV, 2022, p. 78).

Em todos os Conceitos de Política Externa publicados pela Rússia no século XXI (2000, 2008, 2013 e 2016), a expansão da OTAN em direção ao Leste Europeu, abarcando Estados que pertenceram ao Pacto de Varsóvia e à própria União Soviética, é considerada uma das principais ameaças à segurança russa. O tom utilizado para retratar tal temor em cada um dos documentos denota crescente preocupação em relação às intenções das potências ocidentais, sobretudo dos Estados Unidos. A primeira vez em que Putin manifestou direta e intensamente a contrariedade russa quanto à guinada à leste da OTAN foi em Munique, 2007:

Ocorre que a OTAN colocou suas forças da linha de frente nas nossas fronteiras, e nós continuamos a cumprir estritamente as obrigações legais e não reagimos a estas ações. Eu acho que é óbvio que a expansão da OTAN não tem nenhuma relação com a modernização da própria Aliança ou com o aumento da segurança na Europa. Pelo contrário. Ela representa uma séria provocação que reduz o nível de confiança mútua. E nós [os russos] temos o direito de perguntar: contra quem essa expansão é tencionada? E o que aconteceu com as garantias que nossos parceiros ocidentais fizeram após a dissolução do Pacto de Varsóvia? Onde estão estas declarações hoje? Ninguém se lembra delas (PUTIN, 2007).

O discurso é considerado um ponto de inflexão da política externa russa, pois entende-se que a partir de então a Rússia passou a buscar seus interesses no sistema internacional de forma bem mais assertiva (TSYGANKOV, 2019). No contexto da fala de Putin igualmente deve ser contemplada a proximidade da Cúpula de Bucareste da OTAN de 2008, que seria pautada pelo debate acerca do ingresso de Ucrânia e Geórgia na organização. A guerra russo-georgiana de 2008 pode ser considerada a primeira expressão efetiva da nova postura da Rússia passaria no sistema internacional, posto que foi a primeira vez que ela atacou militarmente e invadiu o território de outro país desde o conflito com o Afeganistão entre 1979 e 1989, ainda no seu período soviético (TRENIN, 2011).

A ameaça do Ocidente, contudo, não era homogênea. Com os Estados Unidos as tensões aumentavam, mas no tocante à União Europeia a percepção russa era de uma divisão entre suas elites. Parte delas entenderia ser proveitoso atrair a Rússia para a comunidade europeia, enquanto a outra parte, a “atlântica” via este processo como inútil, razão pela qual

¹ Andrei Tsygankov remonta a busca da Rússia por ser uma potência no sistema internacional há 300 anos, desde o governo de Pedro, o Grande (1682 a 1725). O autor denomina esta busca de “complexo de Pedro” (TSYGANKOV, 2022).

sustentava a necessidade de contenção do grande vizinho oriental (SAKWA, 2018). A existência do primeiro grupo gerava no Kremlin a esperança de aprofundar suas relações econômicas e políticas com Bruxelas.

O projeto que expressava este sentimento, a União Eurasiana, foi mencionado pela primeira vez por Putin em artigo escrito em 2011. Quando do início do terceiro mandato de Putin, em 2012, a União Eurasiana, um bloco regional a ser composto por países do espaço pós-soviético a partir da ampliação da EurAsEc (Rússia, Belarus e Cazaquistão), era uma das prioridades russas. Idealmente, a União Eurasiana estabeleceria um novo diálogo com a União Europeia, baseado na construção de uma comunidade econômica harmoniosa no espaço que iria de Lisboa a Vladivostok, e que poderia levar a formas mais avançadas de integração (PUTIN, 2011). No seu Conceito de Política Externa de 2013, o objetivo da Federação Russa foi explicitado: “a nova organização que está sendo formada com base em princípios universais de integração é designada a servir como um link efetivo entre a Europa e a região da Ásia-Pacífico” (RUSSIAN FEDERATION, 2013).

O foco central da Eurásia na política externa do Governo Putin restou evidenciado. O papel que a Rússia se colocava era servir de elo entre as duas regiões mais industrializadas do continente eurasiático. Dois fatores estavam na gênese dos cálculos russos: a possibilidade de seu vasto território localizado servir de rota comercial e de integração entre a Europa e o Leste Asiático; e sua capacidade de ser uma fornecedora de energia (petróleo e gás natural) para ambas as regiões.² Moscou possuía intenções não abertamente declaradas com o projeto. Primeiro, a criação de um cenário de indispensabilidade russa nos processos econômicos e infraestruturais da Eurásia. Segundo, conseguir balancear sua política externa entre seus eixos Leste e Oeste, sem se tornar dependente de nenhum dos dois. Terceiro, diminuir a influência dos Estados Unidos no continente eurasiático, pois uma vez unificada a Eurásia por terra, o incremento das interações econômicas poderia levar a uma aproximação política mais acentuada. Um quadro de maior integração econômica, política e institucional no continente eurasiático idealmente levaria à diminuição da relevância estadunidense no mesmo, sobretudo para a União Europeia. E, por fim, na medida em que o papel russo de elo eurasiático seria desempenhado a partir de um bloco regional, Moscou almejava manter os seus países membros sob sua esfera de influência.

Na perspectiva de Washington, a criação de um complexo industrial eurasiático com base no eixo Berlim-Moscou-Pequim deveria ser evitada (AMINEH; HOUWELLING, 2005). A União Eurasiana foi planejada justamente para concretizar a vinculação temida pelos Estados Unidos. Logo, era necessária uma resposta ao projeto russo, o que colocou a Ucrânia em foco. Brzezinski (1997) sustenta que sem a Ucrânia, a Rússia deixaria de ser um império euroasiático e, na melhor das condições, poderia aspirar a ser um império predominantemente asiático. A posição adotada por Washington na Revolução Laranja em 2004, bem como o incentivo para a entrada da Ucrânia na OTAN em 2008, demonstraram que a visão de Brzezinski era compartilhada pelos formuladores da política externa estadunidense.

Nova oportunidade de atrair a Ucrânia se apresentou aos Estados Unidos em novembro de 2013, quando o Presidente ucraniano Viktor Yanukovich decidiu não assinar o Association Agreement com a União Europeia, e ao mesmo tempo, sinalizar aprofundamento econômico com a Rússia. Protestos se seguiram na Praça Maidan, ocasionando polarização da sociedade ucraniana tão grave que levou Yanukovich a abandonar o país em 22 de fevereiro de 2014, abrindo espaço para que um governo nacionalista radical comprometido com a “opção europeia” fosse formado (SAKWA, 2018). A mudança do governo ucraniano e o apoio do Ocidente ao processo mobilizou as lideranças do Governo Putin, primeiramente em torno da Crimeia. Houve um reforço militar na península com soldados russos sem insígnia, a instalação de um novo governo local, a organização de um referendo sobre o status da Crimeia e a subsequente incorporação da mesma à Federação Russa (TSYGANKOV, 2019). Em paralelo, teve início uma guerra civil entre Kiev e as províncias do Donbass, no sudeste ucraniano.

A proatividade russa na Crimeia e a rapidez com que o processo de anexação foi realizado ilustraram novamente

² Sobre a enorme relevância da energia como fator de ligação da Eurásia e o peso da Rússia neste cenário, ver Calder (2012).

a assertividade propagada por Putin em Munique. A reação de Estados Unidos e União Europeia ocorreu nos âmbitos diplomático e econômico, com um processo de isolamento político e a aplicação de severas sanções econômicas à Rússia.

A guerra russo-ucraniana

Logo no ano de 2014, Moscou e Kiev acertaram os Acordos de Minsk, cujos garantidores eram França e Alemanha. As disposições do tratado que mais interessavam à Rússia tratavam do reconhecimento, por parte da Ucrânia, de um status especial para as regiões de Lugansk e Donetsk. O governo russo cobrou a implementação dos Acordos nos anos seguintes, o que claramente não era do interesse ucraniano (RAHMAN, 2022).

O impasse ocasionou a perpetuação da guerra civil ucraniana, impactando o convívio russo com as potências ocidentais. Não obstante as sanções econômicas sofridas, a Rússia procurou normalizar suas relações com os países europeus, posição oposta à adotada quanto aos Estados Unidos, com o qual não envidou esforços significativos para evitar a deterioração constante de seu relacionamento (KARAGANOV, 2020).

No final de 2020, era considerado lugar comum realizar provocações militares nas bordas da Rússia, com o fim de testar a disposição política da liderança russa quase diariamente. A proximidade perigosa de navios militares, as manobras de porta-aviões perto das fronteiras russas, provocações em Donbass e na Crimeia, pressão política constante, sanções, ataques cibernéticos, assim como a constante ameaça de escalonamento do conflito se tornaram uma feição integral do, assim chamado, “diálogo” com a Rússia (SUSHENTSOV, 2022).

Nova Estratégia de Defesa Nacional da Federação Russa foi publicada em 2021. No capítulo destinado à defesa nacional, as primeiras ameaças identificadas à segurança russa são a acumulação de estrutura militar da OTAN nas fronteiras russas, o desenvolvimento de amplas forças militares e nucleares voltadas contra a Rússia e a implantação de mísseis de curto e médio alcance por parte dos Estados Unidos na Europa e na região da Ásia-Pacífico (RUSSIAN FEDERATION, 2021). Ainda no tocante à presença da OTAN e às funções que desempenha no século XXI:

A missão geral da OTAN foi alterada para um mandato de proteção da “infraestrutura vital” do sistema energético global, rotas marítimas e oleodutos, o que deu dimensões globais à área de atuação da OTAN. Além disso, após uma crucial revisão ocidental da agora aclamada em prosa e verso doutrina de “responsabilidade de proteger” – diferente da visão oficial da ONU -, a OTAN pode servir também como força de intervenção sob o comando dos EUA” (CHOMSKY, 2017, p. 306-307).

Tendo em vista os riscos identificados e a situação na Ucrânia, em dezembro de 2021, Moscou efetuou um pacote formal de propostas a Washington com uma lista de garantias de sua segurança, o que incluía a neutralidade formal da Ucrânia perante a Rússia e a OTAN, a não implantação de armas ou bases militares da aliança na Ucrânia e o banimento de exercícios militares estrangeiros em solo ucraniano (TRENIN, 2022). A intenção da Rússia era a construção de uma nova arquitetura de segurança na porção ocidental da Eurásia que levasse em consideração as suas preocupações e interesses, os quais teriam sido crescentemente negligenciados desde os anos 1990. À parte do apelo à diplomacia, a Rússia movimentou tropas em seu território em direção à fronteira ucraniana no início de 2022, resultando no aumento de tensões. Em 21 de fevereiro, o governo Putin reconheceu a independência das Repúblicas de Lugansk e de Donetsk, sob o argumento de que Kiev iniciaria uma *blitzkrieg* contra ambas, e assinou um tratado de cooperação com os “novos Estados soberanos” (RT, 2022a). No dia 24 de fevereiro, as forças armadas russas ingressaram em território ucraniano dando início ao conflito entre os dois países.

Desde então, a guerra russo-ucraniana vem se desenrolando sem uma expectativa imediata de seu final. Tendo em vista o objetivo deste artigo e da impossibilidade de tratar de todos os acontecimentos e aspectos do conflito, sua análise será desenvolvida partindo da perspectiva russa e tendo como ângulo a contenda pela Eurásia.

O projeto da União Eurasiana configura uma síntese da política externa do Governo Putin, pois congrega a geoeconomia dos recursos energéticos, a multipolaridade, o eurasianismo e exhibe uma Rússia propositiva. A crise ucraniana de 2014 pode ser lida como um início de resposta estadunidense ao projeto russo de unificação da Eurásia. As ações da União Europeia nos anos seguintes, como os embargos econômicos dirigidos à Rússia e o discurso fortemente associado à visão de Washington, geraram no Kremlin a compreensão de que sua inclusão na porção ocidental da Eurásia apenas se daria em condições ditadas pelo Ocidente. Logo, sua estratégia falhara. Os documentos russos citados revelaram tal mudança de percepção russa, tanto no aumento de tom das acusações ao unilateralismo estadunidense, quanto na progressiva frieza nas referências à União Europeia (RUSSIAN FEDERATION 2016; 2021).

Sobreveio a guerra com a Ucrânia, a qual representa uma nova inflexão da política externa russa. Primeiramente porque efetiva a visão do Kremlin de que a importância das forças armadas como meio de atingir objetivos geopolíticos está aumentando no sistema internacional (RUSSIAN FEDERATION, 2021). Se as vias diplomáticas fracassaram em obter respeito aos seus interesses securitários, Moscou decidiu alcançá-lo militarmente. Em segundo lugar, porque está-se diante de um inédito enfrentamento com o Ocidente em território europeu, o que a Rússia tentava evitar desde 1991.³ Neste sentido, ressalte-se o entendimento russo de que o vasto fornecimento de armamentos e expertise militar à Ucrânia pelos membros da OTAN torna o conflito uma *proxy war* (SPUTNIK, 2022a).

Quanto à posição russa na Eurásia, a forte reação europeia a Moscou na forma de isolamento diplomático e de seguidas rodadas de embargos econômicos não apenas soterrou, hodiernamente, a possibilidade de uma cooperação de Lisboa Vladivostok como erigiu uma nova cortina a separar a Rússia da porção ocidental do continente eurasiático. Ademais, a ameaça da OTAN, em tese, aumentará com a adesão da Suécia e da Finlândia à aliança.⁴ Assim, restará à Rússia privilegiar o vetor oriental de sua política externa, o que lhe gera implicações. A primeira é uma aproximação ainda maior da China como aliada possível no jogo das grandes potências. Para um governo Putin que procurou balancear sua política externa entre União Europeia e China, uma potencial dependência diplomática e econômica de Pequim não é o quadro ideal. A segunda é o fortalecimento de laços com Índia e Irã, o qual já vem sofrendo embargos por fornecer drones à Rússia (TASS, 2022). Outro desdobramento, relacionado aos dois anteriores, é a valorização da Organização da Cooperação de Xangai, algo já perceptível em 2022. Por fim, pode ser citado o incremento da comercialização dos recursos energéticos russos no Leste e no Sudeste Asiáticos (RT, 2022b).

No tocante à disputa pela Eurásia, cabe destacar o Oeste Asiático. Além do já citado Irã, a Turquia, membro da OTAN, tem aumentado sua relevância no cenário da guerra. Por um lado, ela vinha comercializando armamentos com a Ucrânia antes da guerra, mas por outro, até o momento, é um dos dois países (junto da Hungria) que tem obstaculizado o ingresso da Finlândia e da Suécia na OTAN. E no tocante aos recursos energéticos, se ofereceu como alternativa à Ucrânia como rota do gás natural russo até a Europa, o que se mostrou ainda mais necessário após o atentado ao gasoduto Nord Stream, ocorrido em setembro. Por sua vez, Israel voltou atrás na venda de armamentos para a Ucrânia após críticas vindas do Kremlin (TSUKANOV, 2022). A progressiva atração dos países da região para a dinâmica do conflito tem acarretado o aprofundamento de uma mecânica continental que até então tinha em seu funcionamento básico as regiões da Europa, da Eurásia do Norte e Central e do Leste Asiático.

Os movimentos russos em direção ao Oriente, o entranhamento do Oeste Eurasiático no continente eurasiático e a questão taiwanesa, que acresce de tensão o relacionamento sino-estadunidense, podem gerar uma nova divisão geopolítica da Eurásia entre Ocidente e Oriente, cujas fronteiras seriam a porção leste da Ucrânia ocupada pela Rússia e o Irã. Nesta conjuntura, a China, com seu poderio econômico e seu projeto *Belt and Road Initiative*, viria a ser o mais provável elo entre o Leste Asiático e a Europa, incumbência antes almejada pela Rússia.

Da perspectiva dos Estados Unidos, em se tratando de Rússia, seu desejo de separá-la politicamente da União

³ Rússia e Estados Unidos já lutam em lados contrários na guerra civil da Síria desde pelo menos 2015.

⁴ Os dois países solicitaram adesão à OTAN em maio de 2022, processo que ainda está em curso (SPUTNIK, 2022b).

Europeia, reforçando a aliança euroatlântica no oeste da Eurásia, está se concretizando. Cumpre destacar que o distanciamento da Rússia em relação às potências da Europa Ocidental, especialmente da Alemanha, já era defendido por Mackinder (1942) no início do século XX, mais precisamente em 1904⁵. Nicholas Spykman, mesmo no contexto da Segunda Guerra Mundial, sustentava que a Alemanha não deveria ser derrotada ao ponto de não conseguir se defender contra uma invasão das forças armadas russas. O poder que Moscou acumularia em tal cenário acarretaria a necessidade dos Estados Unidos de realizar alianças na Europa pós-guerra, demandando a participação estadunidense na “vida política das zonas transoceânicas em tempos de paz” (SPYKMAN, 2008, p. 461). No período da Guerra Fria, George Kennan manteve o tradicional posicionamento geopolítico de erigir barreiras em relação a Moscou, uma vez que os Estados Unidos deveriam “empregar com razoável confiança uma política de firme contenção, designada a confrontar os russos com invariável contraforça em qualquer ponto no qual eles demonstrassem sinais de prejudicar os interesses de um mundo pacífico e estável” (KENNAN, 1947 [2003], p. 64). Como se observa, a atual política externa de Washington em relação à Rússia na Eurásia possui fortes raízes históricas.

Além do crescente isolamento russo, o desgaste militar, econômico e de imagem sofrido por Moscou igualmente parecem benéficos aos Estados Unidos, pois enfraquece um dos dois principais obstáculos (o outro seria a China) à manutenção de sua primazia na política mundial. Contudo, é de se questionar se uma Rússia acuada, mas ainda confiante e sem muito a perder, é um resultado positivo para Washington. Ademais, o quadro acima descrito, de uma unificação maior entre potências e países importantes da porção oriental da Eurásia e destes com a Rússia, justamente em um momento no qual a região Ásia-Pacífico é tida como o motor do sistema internacional, talvez venha a ser, num prazo de alguns anos, sobremaneira prejudicial às ambições estadunidenses.

Considerações finais

As movimentações de atores eurásianos como a Rússia, União Europeia e, mais recentemente, a China e do principal ator alienígena ao continente, os Estados Unidos, desde o fim da Guerra Fria evidenciam que o jogo pelo predomínio da Eurásia, que pautou a política internacional nos últimos séculos, com claros desdobramentos globais, continua em curso. A guerra russo-ucraniana, com toda sua carga de simbolismo e dramaticidade, se enquadra nesta dinâmica espacial e temporalmente mais ampla. Apesar da análise de conjuntura aqui realizada tentar apontar alguns desdobramentos, por óbvio é cedo para realizar qualquer afirmação definitiva sobre os resultados do conflito e sobre suas consequências aos envolvidos, à Eurásia e ao sistema internacional.

O foco na Eurásia pautou a leitura do cenário exposta. Mas cabe fazer outras considerações. No mês de outubro, o Kremlin oficializou a anexação de novos territórios ucranianos: as Repúblicas de Lugansk e Donetsk e as regiões de Kherson e Zaporozhye. Ainda que não fosse seu objetivo declarado no início da guerra, com isto a Rússia criou uma ligação terrestre entre seu território e a Crimeia, retirou quase inteiramente o acesso da Ucrânia ao Mar Negro e, simbolicamente, voltou a ter uma fronteira ocidental muito parecida com a do Império Russo do século XIX. A questão territorial é um ponto nevrálgico do conflito, que deve impedir um tratado de paz entre os dois países por muito tempo, pois a Ucrânia, que já não aceitava a perda da Crimeia por certo não acatará, a não ser que seja obrigada a tanto pelos seus aliados, a privação de sua porção leste industrializada. Por seu turno, Moscou não pode simplesmente voltar atrás nas anexações, devolvendo a Kiev cidadãos russos que prometeu proteger. Uma possibilidade bastante provável é que todas as regiões anexadas pela Rússia se transformem em um novo, grande e duradouro conflito congelado, algo comum no espaço pós-soviético. Neste panorama, mesmo após o fim das hostilidades mais severas, a paz definitiva demoraria a chegar.

Quanto a perdas geopolíticas, além das já referidas, resta claro que a Rússia tem dificuldade em agir diplomática

⁵ Nas palavras do próprio Halford Mackinder: “A alteração da balança de poder em favor do Estado-pivô, resultando na sua expansão sobre as terras marginais da Euro-Ásia, permitirá o uso dos vastos recursos continental na construção de uma frota naval e então o império mundial poderá ser visualizado. Isto poderá ocorrer se a Alemanha se aliar com a Rússia” (MACKINDER, 1942, p. 191).

e militarmente na Ásia Central, no Cáucaso do Sul e na Ucrânia ao mesmo tempo. Isto permitirá uma presença ainda mais destacada da China na Ásia Central e da Turquia no Cáucaso e também na Ásia Central. Logo, o alongamento do conflito pode causar danos também à atuação russa no seu vetor asiático da política externa.

Sobre o uso de armas nucleares por parte do governo Putin, cabe aplicar uma dose de ceticismo a tal possibilidade. O Presidente russo conhece os efeitos humanitários e militares que um ataque desta magnitude pode acarretar. A própria resistência da OTAN de ingressar diretamente no conflito atesta o quanto as grandes potências evitam o uso de tais recursos.

Referências

- AMINEH, M. P. and HOUWELLING, H. China and the Transformation of the Post-Cold War Geopolitical Order. In AMINEH, M. Parvizi. **State, Society and International Relations in Asia**. Amsterdan: Amsterdan University Press, 2010.
- AMINEH, M. P. and HOUWELLING, H. The Geopolitics of Power Projection in US Foreign Policy: From Colonization to Globalization. In AMINEH, M. P. and HOUWELLING, H. **Central Eurasia in Global Politics: Conflict, Security and Development**. Leiden: Brill: 2005.
- BORDACHEV, Timofei V. On Early History and Geography of Russian Foreign Policy: The Origins of Modern Times a Hypothesis. **Russia in Global Affairs**. Moscow, vol. 20 n° 3, jul-sep, 2022, p. 71-93. Disponível em: <https://eng.globalaffairs.ru/articles/early-history-and-geography/>. Último acesso em 20/10/2022.
- BP. **BP Statistical Review of World Energy**. London, 2022.
- BRZEZINSKI, Zbigniew. **The Grand Chessboard: American Primacy and its Geostrategic Imperatives**. New York: Basic Books, 1997.
- CALDER, K. E. **The New Continentalism : Energy and Twenty-First-Century Eurasian Geopolitics**. London : Yale University Press, 2012.
- CHOMSKY, Noam. **Quem Manda no Mundo?** São Paulo : Planeta, 2017.
- KARAGANOV, Sergey. Russia's new Foreign Policy: The Putin Doctrine. **Russia Today**. Moscow: 26/02.2022. Disponível em <https://www.rt.com/russia/550271-putin-doctrine-foreign-policy/>. Último acesso em: 26/02/2022.
- KARAGANOV, Sergey. **The Future of the Big Triangle**. Moscow: Russia in Global Affairs, 2020.
- KENNAN, George F. The Sources of Soviet Conduct (1947). In TUATHAIL, Gearóid Ó; DALBY, Simon; ROUTLEDGE, Paul. **The Geopolitics Reader**. New York: Routledge, 2003.
- LUKYANOV, Fyodor. Farewell to Hegemony. **Russia in Global Affairs**. Moscow: vol. 19 n° 3, jul-sep, 2021, p. 5-8. Disponível em: <https://eng.globalaffairs.ru/articles/farewell-to-hegemony/>. Último acesso em 20/10/2022.
- MACKINDER, Halford J. **Geographical Pivot of History (1904)**. In MACKINDER, Halford J. Democratic Ideals and Reality: A Study in the Politics of Reconstruction. Washington: National Defense University Press, 1942.
- PUTIN, Vladimir. A New Integration Project for Eurasia – The Future is Born Today. **Russia Today**. Moscow: 11/10/2011. Disponível em: <http://rt.com/politics/press/izvetzyia/integration-union-economic-future/en>. Último acesso em 11/10/2011.
- PUTIN, Vladimir. Speech and the Following Discussion at the Munich Conference on Security Policy. **President of Russia Official Web Portal**. Moscow: 10/02/2007. Disponível em: <http://en.kremlin.ru/events/president/transcripts/24034>. Último acesso: 22/10/2022.
- RAHMAN, As'ad. What Are the Minsk Agreements and What Are Their Role in the Russia-Ukraine Crisis? **Global Research**. Ontario: 22/02/2022. Disponível em: <https://www.globalresearch.ca/what-minsk-agreements-what-their-role-russia-ukraine-crisis/5771776>. Último acesso em 22/02/2022.
- RUSSIAN FEDERATION: Foreign Policy Concept of the Russian Federation 2000. Moscow : 11/02/2000. Disponível em: <https://russiaeu.ru/en/russian-foreign-policy>. Último acesso em 18/7/2017.
- RUSSIAN FEDERATION: Foreign Policy Concept of the Russian Federation 2008. Moscow, 20/03/2008. Disponível em: <https://russiaeu.ru/en/russian-foreign-policy>. Último acesso em 18/7/2017.
- RUSSIAN FEDERATION: Foreign Policy Concept of the Russian Federation 2013. Moscow : 10/02/2013. Disponível em: <https://russiaeu.ru/en/russian-foreign-policy>. Último acesso em 18/7/2017.
- RUSSIAN FEDERATION: Foreign Policy Concept of the Russian Federation 2016. Moscow : 30/11/2016. Disponível em: <https://journal-neo.org/2021/08/27/turkey-in-the-language-struggle-with-russia-in-central-asia/>. Último acesso em 18/7/2017.

RUSSIAN FEDERATION. On the National Security Strategy of the Russian Federation. Moscow : 2021.

RT. Putin orders Russian military to 'secure the peace' in Donbass. **Russia Today**. Moscow: 21/02/2022a. Disponível em: <https://www.rt.com/russia/550177-putin-decree-military-donbass/>. Último acesso em 21/02/2022.

RT. Russian Gas in Demand Outside Europe. **Russia Today**. Moscow: 14/09/2022b. Disponível em: <https://www.rt.com/business/562768-peskov-russia-gas-asia-europe/>. Último acesso em 14/09/2022

SAKWA, Richard. **Russia Against the Rest: The Post-Cold War Crisis of World Order**. Cambridge: Cambridge University Press, 2018.

SIPRI. Military Expenditure by Region in Constant US dollars. **SIPRI**. Stockholm: 2021.

SPUTNIK INTERNATIONAL. Pentagon to Set Up New Military Command in Germany to Arm Ukraine. **Sputnik International**. Moscow: 30/09/2022a. Disponível em: <https://sputniknews.com/20220930/pentagon-to-set-up-new-military-command-in-germany-to-arm-ukraine-report-says-1101363078.html>. Último acesso em 30/09/2022.

SPUTNIK INTERNATIONAL. Sweden, US Sign New Military Cooperation Agreement, Reports Say. **Sputnik International**. Moscow: 16/10/2022b. Disponível em: <https://sputniknews.com/20221016/sweden-us-sign-new-military-cooperation-agreement-reports-say-1101902379.html>. Último acesso em 16/10/2022.

SPYKMAN, Nicholas J. **America's Strategy in World Politics: The United States and the Balance of Power**. New Jersey: Transaction Publishers, 2008.

STUENKEL, Oliver. **O Mundo Pós-Occidental: Potências Emergentes e a Nova Ordem Global**. Rio de Janeiro: Zahar, 2018.

SUSHENTSOV, Andrei. Russia-Ukraine: Quo Vadis? **Valdai Club**. Moscow: 26/02/2022. Disponível em: <https://valdaiclub.com/a/highlights/russia-ukraine-quo-vadis-/>. Último acesso em 26/02/2022.

TASS. UK follows EU's suit, imposes sanctions against Iranian drone maker. **TASS**. Moscow: 20/20/2022. Endereço eletrônico: <https://tass.com/world/1525561>. Último acesso em 20/10/2022.

TRENIN, Dmitri. **Post-Imperium: A Eurasian History**. Washington: Carnegie Endowment for International Peace, 2011.

TRENIN, Dmitri. Six Months into the Conflict, What Exactly Does Russia Hope to Achieve in Ukraine. **Russia Council**. Moscow: Endereço eletrônico: <https://russiancouncil.ru/en/analytics-and-comments/comments/six-months-into-the-conflict-what-exactly-does-russia-hope-to-achieve-in-ukraine/>. Último acesso em 19/10/2022.

TSUKANOV, Iliia. Gantz, Netanyahu Publicly Reject Sending Arms to Kiev After Moscow's Warning. **Sputnik International**. Moscow: 19/10/2022. Endereço eletrônico: <https://sputniknews.com/20221019/gantz-netanyahu-publicly-reject-sending-arms-to-kiev-after-moscows-warning-1102072380.html>. Último acesso em 19/10/22.

VINOKUROV, Evgeny; LIBMAN, Alexander. **Eurasian Integration: Challenges of Transcontinental Regionalism**. New York: Palgrave Macmillan, 2012.

TSYGANKOV, Andrei. **Russia and America: The Asymmetric Rivalry**. Medford: Polity Press, 2019.

TSYGANKOV, Andrei. The Harvest of Globalization: How Russia Can Move from Confrontation to Construction. **Russia in Global Affairs**. Moscow: vol. 20, n. 3, jul-sep, 2022, p. 60-70. Disponível em: <https://eng.globalaffairs.ru/articles/harvest-of-globalism/>. Último acesso em: 20/20/2022.

UNITED NATIONS. **World Population Prospects 2022: Summary of Results**. New York, 2022.

Funções de colaboração exercidas

Gabriel Pessin Adam:

Escrita (primeira redação)

Informações fornecidas pelo autor de acordo com a [Taxonomia de Funções de Colaborador \(CRediT\)](#)